

Copyright da tradução © Boitempo Editorial, 2007
Traduzido do original alemão: *Die Lage der Arbeitenden Klasse
in England*. Leipzig, Otto Wigand Verlag, 1845.

Coordenação
Ivana Jinkings
Supervisão, apresentação e notas
José Paulo Netto
Editores
Ana Paula Castellani
João Alexandre Peschanski
Assistência
Vivian Miwa Matsushita
Mariana Tavares
Tradução
B. A. Schumann
Revisão
Edison Urbano
Mariana Echalar
Editoração eletrônica
aeroestúdio
Capa
Antonio Kehl
sobre desenho de Loredano
Produção gráfica
Marcel Iha
Impressão e acabamento
Assahi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

E48s
Engels, Friedrich, 1820-1895
A situação da classe trabalhadora na Inglaterra / Friedrich Engels ; tradução B. A. Schumann ;
edição José Paulo Netto. - São Paulo : Boitempo, 2008.
388p. : il. - (Mundo do trabalho ; Coleção Marx-Engels)
Tradução de: Die Lage der Arbeitenden Klasse in England
Anexos
ISBN 978-85-7559-104-8

1. Trabalhadores - Inglaterra. 2. Grã-Bretanha - Condições econômicas - 1760-1860. I. Título. II.
Série.

08-0771. CDD: 301
CDU: 304

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada
ou reproduzida sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: março de 2008

BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Euclides de Andrade, 27 Perdizes
05030-030 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869
e-mail: editor@boitempoeditorial.com.br
site: www.boitempoeditorial.com.br

SUMÁRIO

Nota da editora.....	7
Apresentação	9
ÀS CLASSES TRABALHADORAS DA GRÃ-BRETANHA.....	37
Prefácio	41
Introdução.....	45
O proletariado industrial	63
As grandes cidades	67
A concorrência	117
A imigração irlandesa.....	131
Resultados.....	135
Os diferentes ramos da indústria: os operários fabris em sentido estrito.....	173
Os outros ramos da indústria.....	223
Os movimentos operários.....	247
O proletariado mineiro.....	275
O proletariado agrícola	293
A atitude da burguesia em face do proletariado	307
ANEXOS	
Dados suplementares sobre a situação das classes trabalhadoras na Inglaterra. Uma greve inglesa	331

OS MOVIMENTOS OPERÁRIOS

Mesmo que deixe de lado as diversas provas aqui oferecidas, apoiadas em inúmeros exemplos específicos, o leitor haverá de conceder facilmente que os operários ingleses não podem estar felizes nas condições em que vivem; haverá de conceder que sua situação não é aquela em que um homem – ou uma classe inteira de homens – possa pensar, sentir e viver humanamente. Os operários devem, portanto, procurar sair dessa situação que os embrutece, criar para si uma existência melhor e mais humana e, para isso, devem lutar contra os interesses da burguesia enquanto tal, que consistem precisamente na exploração dos operários. Mas a burguesia defende seus interesses com todas as forças que pode mobilizar, por meio da propriedade e por meio do poder estatal que está à sua disposição. A partir do momento em que o operário procura escapar ao atual estado de coisas, o burguês torna-se seu inimigo declarado.

Ademais, o operário compreende, a cada instante, que o burguês o trata como uma coisa, como propriedade sua, e já essa razão basta para que ele assuma uma posição hostil à burguesia. Demonstrei – com a ajuda de centenas de exemplos (e outras centenas poderiam ser citadas) – que, nas circunstâncias atuais, o operário só pode salvar sua condição humana pelo ódio e pela rebelião contra a burguesia. E o modo por que protesta com a paixão mais violenta contra a tirania dos possuidores tem raízes na sua educação – ou melhor, na sua falta de educação – e na influência do ardente sangue irlandês, largamente infundido nas veias da classe operária inglesa. O operário inglês já não é mais um inglês, calculista e aferrado ao dinheiro como seus compatriotas proprietários; seus sentimentos se expressam mais plenamente – nele, a originária frieza nórdica foi compensada pela liberdade com que suas paixões se desenvolveram e o dominam. A educação intelectual, que tão fortemente estimula no burguês da Inglaterra o egoísmo, fazendo deste o eixo de sua vida e concentrando toda a sua energia afetiva

na cobiça, essa educação falta ao operário e, por isso, suas paixões são vigorosas e arrebatadoras como as de outros povos. A nacionalidade inglesa está anulada entre os operários.

Se, como vimos, o operário só pode afirmar sua própria qualidade humana pela oposição contra todas as suas condições de vida, compreende-se que precisamente nessa oposição os operários se mostrem mais dignos, mais nobres e mais humanos. Veremos que, para isso, eles dirigirão todas as suas energias e esforços, inclusive aqueles voltados para a aquisição de um mínimo de cultura. É verdade que teremos de nos referir a casos de violência individual e mesmo de brutalidade, mas não podemos esquecer que, na Inglaterra, existe uma guerra social aberta e que, se a burguesia tem todo o interesse em conduzi-la hipocritamente, sob o manto da paz e até da filantropia, aos operários só pode favorecer a revelação das relações reais, só pode favorecer a destruição dessa hipocrisia. É necessário sublinhar, portanto, que mesmo os atos mais violentos de hostilidade dos operários contra a burguesia e seus servidores não são mais que a expressão aberta e sem disfarces daquilo que, às ocultas e perfidamente, a burguesia inflige aos operários.

A revolta dos operários contra a burguesia seguiu de perto o desenvolvimento da indústria e atravessou diversas fases. Não é este o lugar para indicar a importância histórica dessa luta para a evolução do povo inglês – reserve a abordagem dessa questão para um trabalho futuro; por agora, limitar-me-ei aos fatos puros e simples, na medida em que podem servir para caracterizar a situação do proletariado inglês.

A primeira forma, a mais brutal e estéril, que essa revolta assumiu foi o crime. O operário, vivendo na miséria e na indignação, via que os outros desfrutavam de existência melhor. Não podia compreender racionalmente porque precisamente ele, fazendo pela sociedade o que não faziam os ricos ociosos, tinha de suportar condições tão horríveis. E logo a miséria prevaleceu sobre o respeito inato pela propriedade: começou a roubar. Já vimos que o aumento da delinquência acompanhou a expansão da indústria e que, a cada ano, há uma relação direta entre o número de prisões e o de fardos de algodão consumidos.

Rapidamente, porém, os operários verificaram que o roubo não serve para nada. Os delinquentes, com suas ações, protestavam contra a ordem existente de forma isolada, individual; e todo o poder da sociedade se abatia sobre o indivíduo, esmagava-o com sua enorme potência. Ademais, o furto era a forma de protesto mais rudimentar e inconsciente; nunca foi a expres-

são geral da opinião pública dos operários, mesmo que estes o aprovassem tacitamente. A *classe* dos operários deu início à sua oposição à burguesia quando se rebelou violentamente contra a introdução das máquinas, nos primeiros passos do movimento industrial. Assim, os primeiros inventores – Arkwright e outros – foram perseguidos e suas máquinas destruídas; mais tarde, eclodiu uma série de revoltas contra as máquinas, numa seqüência similar às agitações dos estampadores da Boêmia em junho de 1844^a: fábricas foram demolidas e máquinas foram feitas em pedaços.

Mas essa forma de oposição era também isolada, limitada a determinadas localidades e dirigia-se contra um único aspecto da situação atual. Logo que os operários atingiam seu objetivo imediato, o poder da sociedade abatia-se violentamente sobre os responsáveis, agora inermes, e castigava-os à vontade, enquanto as máquinas continuavam a ser introduzidas. Tornava-se necessário encontrar uma forma nova de oposição.

Para tanto, foi relevante uma lei aprovada pelo velho Parlamento, anterior à reforma e controlado pela oligarquia *tory* – depois do *Reform Bill*^b, que sancionou legalmente a oposição entre proletariado e burguesia, com esta elevada à categoria de classe dominante, uma tal lei jamais passaria na Câmara Alta. A lei em questão, aprovada em 1824, anulava todas as disposições precedentes que, até então, proibiam aos operários associar-se para a defesa de seus interesses. Os operários conquistaram assim um direito que, até esta data, era um privilégio reservado à aristocracia e à burguesia: a *liberdade de associação*. Anteriormente, existiram sociedades secretas entre os operários, mas sem a obtenção de resultados significativos. Na Escócia, por exemplo, em 1812 (quem o relata é Symons, *Arts and Artisans*, p. 137 e ss.), uma associação secreta organizou uma greve geral dos tecelões de Glasgow; a greve repetiu-se em 1822 e, nessa oportunidade, dois operários – que não quiseram aderir à sociedade e, por isso, foram considerados traidores por seus membros – foram agredidos, jogaram-lhes vitriolo no rosto e ficaram cegos. Pouco antes, em 1818, a associação dos mineiros escoceses tivera força suficiente para organizar uma greve geral. Essas associações, que exigiam de seus membros juramentos de fidelidade e de segredo, dispunham de registros atualizados, caixas e controles financeiros e tinham ramificações regionais; no entanto, a clandestinidade em que se moviam impedia seu desenvolvimento.

^a Trata-se das revoltas da Silésia e da Boêmia, já mencionadas por Engels no Prefácio (cf., *supra*, nota a, p. 42).

^b Sobre a reforma operada pelo *Reform Bill* de 1832, cf., *supra*, nota a, p. 60.

Quando, em 1824, os operários obtiveram o direito à livre associação, essas sociedades rapidamente se expandiram por toda a Inglaterra e tornaram-se fortes. Em todos os ramos de trabalho constituíram-se organizações semelhantes (*trade unions*), com o objetivo declarado de proteger o operário contra a tirania e o descaso da burguesia. Eram suas finalidades fixar o salário, negociar *en masse*^a, como *força*, com os patrões, regular os salários em relação aos lucros patronais, aumentá-los no momento propício e mantê-los em todas as partes no mesmo nível para cada ramo de trabalho; por isso, trataram de negociar com os capitalistas uma escala salarial a ser cumprida por todos e recusar empregos oferecidos por aqueles que não a respeitassem. Ademais, outras finalidades eram: manter o nível de procura do trabalho, limitando o emprego de aprendizes e, assim, impedir também a redução dos salários; combater, no limite do possível, os estratagemas patronais utilizados para reduzir salários mediante a utilização de novas máquinas e instrumentos de trabalho etc.; e, enfim, ajudar financeiramente os operários desempregados. Essa ajuda se efetua diretamente, com os fundos de caixa da associação, ou mediante um cartão de identificação, em que constam os dados do titular, que vai de localidade em localidade procurando trabalho e, em cada uma delas, apresentando-se aos seus companheiros, recebe deles indicações e apoio para conseguir emprego – os trabalhadores chamam a esse movimento migratório *the tramp* e, por isso, quem o faz é um *tramper*. Para colimar seus fins, a associação elege um presidente e um secretário, que recebem um estipêndio – porque é óbvio que não se pode esperar que os patrões dêem emprego a esse tipo de operários –, e um comitê, que é responsável pelo recolhimento semanal das cotas e pelo bom uso do fundo com elas constituído. Quando foi possível e vantajoso, os operários de um mesmo ramo de trabalho de diferentes distritos uniram-se numa associação federada, organizando assembléias de delegados em datas fixas. Em alguns casos, tentou-se unir numa só organização de toda a Inglaterra os operários de um mesmo ramo e também houve tentativas – a primeira, em 1830 – de criar uma única associação geral de operários de todo o reino, com organizações específicas para cada categoria; mas esses experimentos foram raros e de curta duração, porque uma organização desse tipo só pode ter vida e eficácia à base de uma agitação geral de excepcional intensidade.

Vejam agora os meios que essas associações costumam utilizar para a consecução de seus objetivos. Se um patrão, ou mais de um, recusa-se a

^a Em francês, no original: “coletivamente”.

pagar o salário fixado pela associação, esta o procura com uma delegação ou envia-lhe uma petição (como se vê, os operários sabem reconhecer o poder do industrial em seu pequeno Estado, a fábrica, da qual é senhor absoluto); se disso nada resulta, a associação ordena a suspensão do trabalho e os operários vão embora. Essa suspensão do trabalho (*turn-out* ou *strike*) é parcial, quando um ou alguns patrões se recusam a pagar o salário proposto pela associação, ou geral, quando a recusa provém de todos os patrões de um determinado ramo. Esses são os meios legais de que se pode valer a associação, desde que a suspensão do trabalho seja precedida de um aviso prévio – o que nem sempre acontece. Tais meios, no entanto, são extremamente limitados, porque há operários que não participam da associação e outros que, seduzidos pelas efêmeras vantagens que os burgueses lhes oferecem, dela se afastam. Sobretudo no caso de greves parciais, os industriais não têm dificuldades em recrutar dentre essas ovelhas negras um certo número de indivíduos (chamados *knobsticks*) e levar ao fracasso os esforços dos operários associados. Habitualmente, os *knobsticks* são ameaçados pelos membros da associação, insultados, maltratados e agredidos, em suma, são atemorizados de várias formas; e basta que um deles faça uma denúncia em tribunal contra um membro da associação, caracterizando o cometimento de um ato ilegal, para que a associação seja penalizada – é que a burguesia, tão amante da legalidade, ainda conserva o poder nas mãos – e tenha sua força vulnerabilizada.

A história dessas associações é a história de uma longa série de derrotas dos trabalhadores, interrompida por algumas vitórias esporádicas. É natural que todos esses esforços não possam mudar a lei econômica segundo a qual o salário, no mercado de trabalho, é regulado^a pela relação entre a demanda e a oferta. As associações são impotentes diante de todas as grandes causas que operam sobre essa relação: durante uma crise comercial, a própria associação deve reduzir o salário que exige ou desagregar-se; e, no caso de um crescimento importante da demanda de trabalho, não pode fixar um salário mais alto que aquele determinado pela concorrência entre os capitalistas. No entanto, no que tange a causas de menor magnitude, sua ação é eficaz. Se o industrial não esperasse uma oposição concentrada e maciça dos operários, para aumentar seus lucros ele reduziria, gradativamente e sempre, mais os salários; a luta concorrencial que trava com os outros industriais o constrangeria a isso e os salários rapidamente desciriam ao

^a Na edição de 1892, “regulado” é substituído por “determinado” (*bestimmt*).

seu limite mínimo. Mas essa concorrência *entre os industriais é, em condições médias*, entravada pela oposição dos operários. Todo industrial já sabe muito bem que a conseqüência de uma redução dos salários, não justificada por circunstâncias com que se defrontem também seus concorrentes, é uma greve que lhe traz prejuízos – durante a duração da greve, seu capital fica inativo e suas máquinas se deterioram. E nesse caso, ademais, ele não tem a segurança de que poderá impor a redução salarial e sabe também que, se a impuser, seus concorrentes farão o mesmo, com o que reduzirão os preços de seus produtos e anularão as vantagens que obteve. Além disso, após uma crise, as associações freqüentemente impõem um aumento de salário que, sem a sua intervenção, tardaria mais a efetivar-se: se o industrial resiste a aumentar os salários até o ponto em que não pode mais fazê-lo pela concorrência dos outros industriais, agora são os próprios operários que o pressionam quando o mercado de trabalho lhes é mais favorável – e, nessas condições, podem obrigá-lo a um aumento mediante uma greve.

Entretanto, como dissemos, as associações são impotentes diante das causas mais importantes que condicionam o mercado de trabalho. E quando estas esfaimam os operários, a greve se perde: pouco a pouco os operários aceitam trabalho sob quaisquer condições e, mesmo que o número deles seja pequeno, isso basta para anular a força da associação – os *knobsticks* e os estoques de mercadorias que ainda existem no mercado permitem à burguesia obviar as conseqüências negativas da greve sobre seus negócios. Os fundos da associação logo se esgotam, dado o grande número de operários que recorrem a ele; os merceeiros não tardam a negar o crédito, que inicialmente concediam a altos juros – e a necessidade obriga os operários a retornar ao jugo da burguesia. Os industriais, forçados pela oposição dos operários, são levados a evitar reduções salariais desnecessárias, mas os operários, por seu turno, consideram toda e qualquer diminuição dos salários, mesmo que determinada pelas condições econômicas, uma piora de sua situação que deve ser evitada de qualquer modo – por isso, a maior parte das greves termina mal para os operários.

É, pois, de se perguntar: por que os operários entram em greve, dada a evidente ineficácia de sua ação? Simplesmente porque *devem* protestar contra a redução do salário e mesmo contra a necessidade de uma tal redução; devem expressar claramente que, como homens, não podem adaptar-se às circunstâncias, mas, ao contrário, as circunstâncias devem adaptar-se a *eles*, os homens – porque sua omissão equivaleria à aceitação dessas condições de vida, ao reconhecimento do direito de a burguesia explorá-los durante os

períodos de prosperidade e deixá-los morrer de fome nos períodos desfavoráveis. Os operários protestam porque ainda não perderam os sentimentos humanos – e protestam *desse modo* porque são ingleses, pessoas práticas, que expressam *na ação* o seu protesto; não são teóricos alemães, que, devidamente protocolado e posto *ad acta*^a seu protesto, vão para casa dormir o sono tranqüilo dos contestatários. Ao contrário, o protesto concreto dos ingleses tem sua eficácia: mantém em certos limites a avidez da burguesia e estimula a oposição dos operários contra a onipotência social e política da classe proprietária, ao mesmo tempo em que leva os trabalhadores a compreender que, para destruir o poder da burguesia, é preciso algo mais que associações operárias e greves.

Entretanto, essas associações e as greves que elas organizam adquirem uma importância específica na escala em que representam a primeira tentativa operária para *suprimir a concorrência* – o que pressupõe a consciência de que o poder da burguesia se apóia unicamente na concorrência entre os operários, isto é, na divisão do proletariado, na recíproca contraposição dos interesses dos operários tomados como indivíduos. As associações, ainda que de modo unilateral e limitado, confrontam-se diretamente com a concorrência, o nervo vital da ordem social vigente, e por isso constituem uma grave ameaça a essa ordem. Esse é o ponto mais nevrálgico que o operário poderia encontrar para dirigir seus ataques à burguesia e à inteira estrutura da sociedade. Uma vez suprimida a concorrência entre os operários, uma vez que todos se decidam a não mais deixar-se explorar pela burguesia, o reino da propriedade chegará ao fim. O salário depende da relação entre demanda e oferta, da conjuntura do mercado de trabalho, porque, até hoje, os operários deixaram-se tratar como coisas que se podem comprar e vender; quando decidirem não mais se deixar comprar e vender, quando se afirmarem como *homens* na determinação do valor efetivo do trabalho, quando demonstrarem que, além de força de trabalho, eles dispõem também de vontade, então toda a economia política moderna e as leis que regem o salário haverão de desaparecer. É claro que, se os operários se contentassem em apenas abolir a concorrência entre si, as leis que regem o salário voltariam a impor-se novamente; se se contentassem com isso, trairiam seu movimento atual e a mútua concorrência retornaria – por isso, não se contentarão. A necessidade os compele a destruir não uma *parte* da concorrência, mas a concorrência em geral, e é isso que farão. Já agora, os operários compreendem cada vez mais

^a Em latim, no original: “nas atas”.

o que lhes custa a concorrência; compreendem, melhor que os burgueses, que a concorrência entre os proprietários, que provoca as crises comerciais e oprime os trabalhadores, também precisa ser eliminada. E bem depressa saberão *como fazê-lo*.

É supérfluo assinalar que essas associações contribuem notavelmente para alimentar o ódio e a revolta dos operários contra a classe proprietária. Em períodos de particular agitação, elas dão origem, com ou sem o conhecimento de seus dirigentes, a ações isoladas, guiadas por uma paixão selvagem e irrefreável, que só se explicam por um ódio exacerbado até o desespero. Entre tais ações, sobressaem os casos já referidos de pessoas atacadas com vitríolo e uma série de outros, de que darei exemplos a seguir. Em 1831, em Hyde (perto de Manchester), o jovem industrial Ashton, por ocasião de uma violenta agitação operária, foi morto com um tiro quando atravessava uma campina à noite; não há dúvida de que se tratou de uma vingança operária, mas não se identificaram os culpados^a. Não são incomuns as tentativas de incendiar ou explodir fábricas. Em 29 de setembro de 1843, uma sexta-feira, valendo-se de um tubo de ferro cheio de pólvora e com as extremidades tampadas, desconhecidos tentaram explodir as instalações do industrial Padgin, fabricante de serras, na Howard Street, em Sheffield; os prejuízos foram consideráveis^b. No dia seguinte, 30 de outubro de 1843, a cutelaria do industrial Ibbetson, situada em Shales Moor, perto de Sheffield, sofreu atentado análogo; o senhor Ibbetson era particularmente odiado por participar ativamente dos movimentos burgueses e pelos baixos salários que pagava, empregando somente *knobsticks* e recorrendo às leis sobre os pobres em seu proveito (de fato, durante a crise de 1842, depois de forçar os operários a aceitar um salário miserável, denunciou os que o recusaram às autoridades encarregadas de distribuir auxílios como capazes de trabalhar e que, não o fazendo, viram-se impedidos de receber qualquer ajuda); a explosão causou muitos danos e todos os operários que observaram seus efeitos apenas lamentaram “que o estabelecimento não tivesse sido inteiramente destruído”. Na sexta-feira seguinte, 6 de outubro de 1843, uma tentativa de incendiar a fábrica Ainsworth & Crompton, em Bolton, foi frustrada – era a terceira ou quarta

^a Aqui a fonte de Engels é P. Gaskell (*The Manufacturing Population of England...*, cit., p. 299), e há equívocos na informação: o processo decorreu em 1834 e, dos três implicados – Joseph e William Mosley e William Garside –, dois foram enforcados.

^b O fato foi noticiado pelo *Northern Star*, edição de 7 de outubro de 1843.

tentativa do gênero, num curto espaço de tempo, contra a mesma fábrica^a. Na sessão do Conselho Municipal de Sheffield de 10 de janeiro de 1884, uma quarta-feira, o comissário de polícia apresentou um artefato explosivo – receptáculo de ferro fundido, carregado com quatro libras de pólvora e uma mecha que chegou a ser incendiada – encontrado na fábrica do senhor Kitchen, na Earl Street (Sheffield)^b. A 21 de janeiro^c, um domingo, pacotes de pólvora lançados do exterior explodiram na fábrica de serras de Bentley & White, localizada em Bury, no Lancashire, causando grandes danos^d. Em 1^a de fevereiro de 1844, uma quinta-feira, um incêndio provocado destruiu as instalações da Soho Wheel, em Sheffield^e. Como se vê, seis casos similares em quatro meses, todos com a marca da exasperação operária contra os patrões.

Não é preciso que eu diga quais são as condições sociais que fazem com que coisas como essas se tornem *possíveis*. Esses fatos demonstram claramente que na Inglaterra, mesmo em períodos de prosperidade, como nos fins de 1843, a guerra social é aberta e declarada – e a burguesia ainda não começou a refletir em seu significado! Mas o caso mais clamoroso é o dos *thugs de Glasgow*¹, processados nessa cidade entre 3 e 11 de janeiro de 1838. O processo revelou que a associação dos tecelões de algodão, que existia desde 1816, era excepcionalmente forte e organizada; os associados vinculavam-se sob juramento às decisões da maioria e durante cada greve operava um comitê secreto (desconhecido da grande maioria dos associados), que podia dispor livremente dos fundos. Esse comitê punha a prêmio a cabeça de *knobsticks* e de industriais particularmente odiados, além de fixar recompensas por incêndios a fábricas. Incendiou-se uma fábrica onde moças, na condição de *knobsticks*, substituíam homens na fiação e uma tal senhora MacPherson, mãe de uma dessas moças, foi assassinada – e dois dos assassinos, à custa da associação, fugiram para a América. Já antes, em 1820, foi ferido à bala um *knobstick* de nome MacQuarry, e o agressor

^a Relatada pelo *Manchester Guardian*, edição de 11 de outubro de 1843.

^b Relatado pelo *Times*, edição de 13 de janeiro de 1844, e pelo *Northern Star*, edição de 20 de janeiro de 1844.

^c Por equívoco, “20 de janeiro” no texto de Engels.

^d Relatado pelo *Manchester Guardian*, edição de 24 de janeiro de 1844.

^e Relatado pelo *Sheffield and Rotherham Independent*, edição de 3 de fevereiro de 1844.

¹ Os *thugs* constituíam uma famosa tribo da Índia oriental, cuja única atividade era o assassinato de todos os estrangeiros que caíam em suas mãos, daí a designação dada a esses operários.

recebeu um prêmio de quinze libras da associação. Posteriormente, certo Graham foi baleado e o atirador ganhou vinte libras, mas foi identificado e recebeu a pena de desterro perpétuo. Enfim, em maio de 1837, por ocasião de uma greve nas fábricas de Oatbank e Mile End, eclodiram desordens no curso das quais uma dúzia de *knobsticks* foram duramente agredidos; no mês de julho seguinte, as desordens prosseguiram e outro *knobstick*, um certo Smith, foi tão esbordoado que quase morreu³; na seqüência, as autoridades prenderam o comitê e abriu-se um inquérito de que resultou na condenação de seu presidente e dos principais membros a sete anos de deportação por participação em associação ilegal, maus-tratos a *knobsticks* e incêndio na fábrica de James e Francis Wood. Que dizem dessa história nossos bravos alemães²?

A classe proprietária (especialmente os industriais, que estão em contato direto com os operários) opõe-se com extrema violência às associações e procura incessantemente demonstrar aos operários sua inutilidade; e o faz recorrendo a argumentos que, válidos do ponto de vista da economia política, são por isso mesmo em parte falaciosos e não conseguem persuadir os operários. O zelo com que a burguesia se empenha nessa demonstração comprova que aqui estão em jogo seus interesses; mesmo prescindindo dos prejuízos imediatos decorrentes de uma greve, tudo que entra na bolsa do burguês sai necessariamente da bolsa do operário. E os operários, ainda que não soubessem claramente que suas associações

¹ Engels incorre aqui em pequena inexatidão: o *knobstick* foi baleado.

² “Que ‘justiça feroz’ (*wild justice*) deve arder no fundo do coração desses homens para, reunidos em assembleia e depois de fria reflexão, levá-los a julgar seu irmão de trabalho como desertor e traidor da causa de sua classe, a condená-lo a morrer como desertor e traidor e a justificá-lo por meio de um carrasco secreto (posto que um juiz e um carrasco conhecidos não o fariam), como se o antigo *Femgerich* e o tribunal secreto da cavalaria revivessem assim, súbita e repetidamente ressuscitados ante os olhos estupefatos das pessoas, não mais envoltos em cotas de malha metálica, mas vestidos com veludo de algodão, reunindo-se não mais nas florestas da Vestfália, porém nas calçadas da Gallowgate de Glasgow! Um tal sentimento deve estar muito generalizado e fortemente enraizado na multidão, mesmo que só possa assumir essa forma extrema entre alguns poucos” (Carlyle, *Chartism*, p. 41). [O *Femgerich* era, no medievo alemão, um tribunal penal competente para emitir sentenças de morte; suas sessões, inspiradas em formas legadas pela tradição germânica, a partir de um certo momento tornaram-se secretas e o tribunal deixou de ater-se aos delitos cometidos para julgar também delitos hipotéticos ou prováveis – e suas sentenças podiam ser executadas por seus emissários no momento da prisão do condenado. Tais emissários, nos séculos XIV e XV, tornaram-se particularmente ativos na Vestfália, mas sua competência se estendia a todo o território do império. (N.E.)]

servem ao menos para travar o desejo dos patrões de reduzir os salários, continuariam a mantê-los na medida em que causam danos aos seus inimigos, os patrões. Na guerra, aquilo que prejudica a uma das partes favorece a outra – e como os operários estão em pé de guerra contra os patrões, aqui as coisas se passam exatamente como quando as grandes potências se entredevoram.

Entre todos os burgueses, o mais furioso dos adversários das associações operárias é, mais uma vez, nosso amigo doutor Ure. Ele espuma de ódio contra “os tribunais secretos” dos tecelões de algodão, os operários mais fortemente organizados, que se orgulham de paralisar o trabalho nas fábricas dos industriais mais recalcitrantes e de “arruinar assim o homem que, durante anos, lhes assegurou a vida”. Fala de uma época em que “a mente criadora e o coração vivificante da indústria se tornaram escravos dos agitados membros inferiores” – é uma pena que os operários ingleses não se deixem encantar pela tua fábula como os plebeus romanos, ó novo Menenius Agrippa¹! – e enfim conta esta bela história: os tecelões de fio grosso na *mule* abusaram de sua própria força até o limite tolerável; os altos salários, ao invés de induzi-los à gratidão para com o industrial e a uma educação intelectual (em ciências inócuas ou no máximo úteis à burguesia, é claro!), levaram-nos ao orgulho e criaram as condições para estimular o espírito de sedição no decurso de greves que, arbitrariamente, vitimaram um grande número de industriais; durante um desses lamentáveis períodos de rebelião, os industriais de Hyde, Dukenfield e arredores, preocupados em não perder mercados para franceses, belgas e americanos, procuraram a fábrica de máquinas de Sharp, Roberts & Co., conclamando a que o gênio inventivo do senhor Sharp² criasse um tear automático, de modo “a salvar os negócios da escravatura que os perturbava e da ruína que os ameaçava”³:

Em poucos meses foi aprontada uma máquina que parecia dotada do cérebro, do sentimento e da sensibilidade de um operário experiente. Assim, *das mãos do Prometeu moderno, sob o comando de Minerva*, nasceu o “homem de ferro” – como lhe chamam os operários –, uma criatura destinada a restabelecer a ordem entre as classes industriais e a assegurar aos ingleses o domínio industrial. A notícia desse novo trabalho de Hércules espalhou o terror entre

¹ Em 494 a. C., o patrício Menenius Agrippa (romano falecido em 493 a. C.) teria dissuadido os plebeus revoltados contando-lhes uma fábula acerca das relações entre o estômago e os membros.

² No texto de Ure, o gênio inventivo não é Sharp, mas Roberts.

as associações operárias e antes mesmo de saltar do berço, por assim dizer, estrangulou a hidra da anarquia.²

É com argumentação similar que Ure demonstra que a invenção da máquina de estampar de quatro ou cinco cores foi uma conseqüência da agitação entre os estampadores de tecidos de algodão, que a insubordinação dos tecelões que operavam teares mecânicos levou ao surgimento de uma máquina mais aperfeiçoada para a mercerização – e ele cita vários outros casos análogos³. E, poucas páginas antes, o mesmo Ure empenhou-se longamente na demonstração de que as máquinas são vantajosas para os operários! No combate às associações, aliás, ele não é voz solitária; no relatório sobre as fábricas, o senhor Ashworth, o industrial, e muitos outros não deixaram escapar nenhuma oportunidade para destilar sua ira contra elas. Esses sábios burgueses agem exatamente como certos governos e atribuem todos os movimentos que não compreendem à influência de agitadores mal-intencionados, de maus elementos, de demagogos, de desordeiros e de jovens; sustentam que os funcionários pagos das associações têm interesse em fazer agitação porque vivem disso – como se a burguesia não tivesse tornado necessário seu pagamento, na medida em que não lhes dá emprego!

A enorme freqüência de greves é o melhor indicador do ponto a que chegou, na Inglaterra, a guerra social. Não se passa nem uma semana, quase nem um dia, em que não ocorra aqui ou acolá uma paralisação do trabalho: contra uma redução do salário, a propósito da recusa de um aumento, contra o emprego de *knobsticks*, pela recusa patronal de coibir abusos ou de melhorar instalações, contra a introdução de novas máquinas, enfim, por uma centena de causas. Essas greves são em geral pequenas escaramuças de vanguarda e, às vezes, combates mais importantes; não solucionam nada definitivamente, mas são a prova mais segura de que se aproxima o confronto decisivo entre o proletariado e a burguesia. Elas são a escola de guerra na qual os operários se preparam para a grande batalha, agora inevitável; são os pronunciamentos das distintas categorias de operários, consagrando sua adesão ao grande movimento proletário. Se

² Engels reúne, no parágrafo anterior e nessa citação, passos que, no livro de Ure, encontram-se nas p. 282, 366-7 e 370. Recorde-se que, segundo o mito grego, Prometeu roubou aos deuses o fogo da vida para entregá-lo aos homens e foi condenado a padeecer encadeado a uma rocha; Minerva, na mitologia romana, era a deusa da sabedoria; Hércules, na mitologia grega, era o herói, personificação da força e da pertinácia.

³ Cf. A. Ure, *The Philosophy of Manufactures*, p. 366 e ss.

examinarmos as edições dos anos mais recentes do *Northern Star*, o único jornal que noticia todos os movimentos operários, veremos que todos os operários das cidades e das indústrias que surgem no campo se uniram a associações e protestaram, intermitentemente, por meio de greves, contra a dominação da burguesia.

E as greves, como escola de guerra, têm uma eficácia insuperável – nelas se desenvolve a coragem própria dos ingleses. No continente, diz-se que os ingleses, particularmente os operários, são covardes, incapazes de realizar uma revolução porque não se entregam, como os franceses, às revoltas diárias, que, enfim, parecem adaptar-se tranqüilamente ao regime burguês. Nada mais falso; os operários ingleses não ficam atrás de quaisquer outros no que toca à coragem e são tão pouco cordatos quanto os franceses – mas lutam de modo diverso. Os franceses, com um temperamento essencialmente político, empregam meios políticos na luta contra os males sociais; os ingleses, para os quais a política só existe em função de interesses, em função da sociedade burguesa, em vez de combater o governo, combatem diretamente a burguesia – e esse combate, por agora, só pode ser eficaz por via pacífica. A estagnação comercial e a miséria que se seguiu a ela em 1834 provocaram em Lyon a insurreição pela república; em Manchester, provocaram, em 1842, a greve geral pela *Carta do Povo*⁴ e por aumentos salariais. Mas não é difícil compreender que uma greve exige coragem, e por vezes uma coragem e uma resolução maiores, mais firmes, que as reclamadas por uma rebelião. Na verdade, não é pouca coisa para um operário, que conhece a miséria por experiência, ir voluntariamente ao seu encontro, com a mulher e os filhos, e suportar fome e privações por dias e meses e permanecer, apesar de tudo, irredutível e inabalável. Que coisa é a morte, que coisa são as galés que ameaçam os revolucionários franceses, diante da visão cotidiana da família esfaimada, diante da certeza da vingança subsequente da burguesia, que os operários ingleses preferem a submeter-se ao jugo da classe proprietária? Mais adiante, veremos um exemplo dessa coragem tenaz e inflexível do operário inglês, que só cede à violência quando toda resistência se torna inútil e insensata – e é precisamente nessa calma pertinaz, nessa constante firmeza, que supera centenas de provas todos os dias, que o operário inglês desenvolve os aspectos mais admiráveis do seu caráter. Homens que suportam tanto sofrimento para fazer vergar um só burguês certamente têm condições de abater o poderio de toda a burguesia.

⁴ Cf., *infra*, nota a, p. 262.

Prescindindo de tudo isso, os operários ingleses, em várias ocasiões, demonstraram sua coragem. Se a greve de 1842 não teve grande resultados, isso ocorreu em parte porque os operários foram compelidos a ela pela burguesia e em parte porque os próprios operários não tinham consciência clara de seus objetivos nem estavam suficientemente unidos em relação a eles. Mas sempre comprovaram sobejamente sua coragem quando estavam em jogo objetivos *sociais* bem definidos. Sem falar da insurreição no País de Gales, em 1839, Manchester – durante minha estada, em maio de 1843 – foi palco de uma verdadeira batalha. Uma olaria (Pauling & Henfrey)³ aumentara as dimensões dos tijolos sem elevar os salários e, naturalmente, vendia seu produto a preços mais altos. Os operários, aos quais era recusado qualquer aumento salarial, abandonaram a olaria e sua associação inscreveu-a na lista daquelas com as quais os trabalhadores não deveriam ter relações. Com enorme dificuldade, no entanto, a empresa conseguiu encontrar operários nos arredores; contra esses *knobsticks*, a associação utilizou primeiro a intimidação. A empresa contratou doze homens – antigos soldados ou policiais – para vigiar seu pátio, todos armados com espingardas. Logo que a intimidação se mostrou ineficaz, uma noite, por volta das dez horas, um grupo de operários oleiros, em formação de combate e com a primeira fila armada de espingardas, avançou para o pátio, que ficava a quatrocentos passos de um quartel de infantaria⁴. Os operários invadiram o pátio e, avistados pelos guardas, abriram fogo, destruíram os tijolos que ainda não tinham secado, derrubaram pilhas de tijolos já prontos, demoliram o que encontraram à sua passagem e penetraram no prédio, onde quebraram os móveis e maltrataram a mulher do vigia que lá morava. Nesse entretempo, os guardas protegeram-se atrás de uma sebe, por onde podiam disparar; quando os operários se encontraram diante de uma fornalha acesa, a luminosidade tornou-os alvos certos para os guardas – mas o combate continuou por mais de meia hora, até o esgotamento da munição dos operários e até que atingissem seu objetivo: a destruição de tudo o que havia para destruir. Só então os operários se retiraram, sob o fogo dos soldados que chegaram; eles foram em direção a Eccles (a três milhas de Manchester) e, no caminho, fizeram a chamada para identificar as baixas e, a seguir, dispersaram-se, naturalmente para cair nas mãos

³ Engels voltará a mencionar essa fábrica no texto “Dados suplementares sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra. Uma greve inglesa”, reproduzido nos Anexos deste volume.

⁴ Na esquina de Cross Lane com Regent Road; cf. o mapa de Manchester. [Ver, neste volume, a p. 88. (N.E.)]

de soldados que vinham de todas as partes. A quantidade de feridos deve ter sido alta, mas só se soube o número dos que foram presos a seguir; um deles fora ferido com três tiros (coxa, perna e ombro) e ainda assim se arrastou por mais de quatro milhas. Como se vê, trata-se de homens que dispõem de coragem revolucionária e não temem combates: trata-se de algo muito diverso do que se passa quando – e foi assim em 1842 – uma massa desarmada, que não sabe exatamente o que quer, vê-se inteiramente cercada por soldados e policiais numa praça; na verdade, nesse caso a massa nada teria feito se não fosse provocada pelos agentes do poder público, isto é, do poder da burguesia. Quando o povo está diante de um objetivo bem determinado, dá provas de grande coragem – como, por exemplo, no caso do assalto à fábrica Birley, que depois teve de ser protegida pela artilharia⁵.

Aproveitemos o ensejo para dizer algumas palavras sobre o sacrossanto respeito que, na Inglaterra, se dedica à lei. É claro que, para o burguês, a lei é sagrada: trata-se de obra sua, votada com sua concordância, produzida para protegê-lo e garantir seus privilégios; ele sabe que, embora uma lei singular possa prejudicá-lo eventualmente, o conjunto da legislação assegura seus interesses e sabe, sobretudo, que o caráter sagrado da lei, a intangibilidade da ordem social consagrada pela participação ativa da vontade de uma parte da sociedade e pela passividade da outra, é o sustentáculo mais poderoso de sua posição social. O burguês encontra-se a si mesmo na lei, como se encontra em seu próprio deus – por isso, ele a considera sagrada e, também por isso, a borduna policial, que no fundo é a sua borduna, exerce sobre ele um efeito tranqüilizador de admirável eficácia. Para o operário, as coisas se apresentam completamente diversas. O operário sabe muitíssimo bem – porque aprendeu várias vezes, por experiência direta e própria – que a lei é um látego produzido pelo burguês; por isso, se não for obrigado, não a cumpre. É ridículo afirmar que o operário inglês teme a polícia: em Manchester, leva corretivos todas as semanas e, no ano passado, chegou-se a assaltar um posto policial, num prédio protegido por portas de ferro e pesadas janelas. A força da polícia na greve de 1842, já o dissemos, consistiu basicamente na indecisão dos próprios operários.

Uma vez que os operários não respeitam a lei, mas apenas reconhecem sua força enquanto eles mesmos não dispõem da força para mudá-la, é mais que natural que avancem propostas para modificá-la, é mais que natural

⁵ Eventos reportados pelo *Northern Star*, edições de 13 de agosto de 1842 e 27 de maio de 1843.

que, no lugar da lei burguesa, queiram instaurar uma lei proletária. A proposta do proletariado é a *Carta do Povo* (*People's Charter*), cuja forma possui um caráter exclusivamente político e exige uma base democrática para a Câmara Alta^a. O *cartismo* é a forma condensada da oposição à burguesia. Nas associações e nas greves, a oposição mantinha-se insulada, eram operários ou grupos de operários isolados a combater burgueses isolados; nos poucos casos em que a luta se generalizava, na base dessa generalização estava o cartismo – neste, é toda a classe operária que se insurge contra a burguesia e que ataca, em primeiro lugar, seu poder político, a muralha legal com que ela se protege.

O cartismo nasceu do partido *democrático*, partido que nos anos oitenta do século passado desenvolveu-se com o proletariado e, ao mesmo tempo, no proletariado. Reforçando-se durante a Revolução Francesa, quando a paz foi restabelecida apresentou-se como partido *radical*, deslocando seus centros de Londres para Birmingham e Manchester. Aliando-se com a burguesia liberal, impôs aos oligarcas do antigo Parlamento o *Reform Bill*^b e, desde então, vem se consolidando diante da burguesia sempre mais claramente como partido operário. Em 1838^c, uma comissão da Associação Geral dos Operários de Londres (*London Working Men's Association*), liderada por William Lovett, elaborou a *Carta do Povo*, cujos “seis pontos” são: 1) sufrágio universal para todos os homens maiores, mentalmente sadios e não condenados por crime; 2) renovação anual do Parlamento; 3) remuneração para os parlamentares, para que indivíduos sem recursos possam exercer mandatos; 4) eleições por voto secreto, para evitar a corrupção e a intimidação pela burguesia; 5) colégios eleitorais iguais, para garantir representações eqüitativas e 6) supressão da exigência (já agora apenas formal) da posse de propriedades fundiárias no valor de trezentas libras como condição para a elegibilidade – isto é, qualquer eleitor pode tornar-se elegível. Esses seis pontos, referidos exclusivamente à Câmara Baixa, são suficientes, por mais anódinos que possam parecer, para fazer ruir a Constituição inglesa e, com

^a A *Carta do Povo* (*People's Charter*), em torno da qual convergiram os vários grupamentos operários já existentes (alguns provindos dos anos 1820), constituindo o *movimento cartista*, foi publicada em maio de 1838, com a reivindicação dos “seis pontos” que Engels resumirá em seguida. Em 1840 organizou-se a Associação Nacional pela Carta e os primeiros anos dessa década registraram o crescimento nacional do *movimento cartista*, que entrou em crise no decênio seguinte.

^b Cf., *supra*, nota a, p. 60.

^c As edições de 1845 e 1892, equivocadamente, registram 1835.

ela, a rainha e a Câmara Alta. O chamado elemento monárquico e aristocrático da Constituição só pode manter-se de pé na medida em que a burguesia tenha interesse em sua *aparente* conservação – ambos só existem aparentemente. Mas quando toda a opinião pública encontrar-se representada na Câmara Baixa, quando esta exprimir não só a vontade da burguesia, mas a de toda a nação, ela absorverá todo o poder, de modo que não restará nenhuma auréola à aristocracia e à rainha. O operário inglês não respeita lordes nem rainhas; o burguês, que não os leva em conta nas matérias substantivas, diviniza-os enquanto pessoas. O cartista inglês, politicamente, é um republicano, ainda que quase nunca empregue esse termo; simpatiza com os republicanos de todos os países, mas prefere qualificar-se como democrata. Ele é, porém, um republicano puro e simples: sua democracia não se restringe apenas ao plano político.

Mesmo sendo, desde o seu início, em 1835^a, um movimento essencialmente operário, o cartismo ainda não se distinguia nitidamente da pequena burguesia radical. O radicalismo operário caminhava no mesmo passo que o radicalismo burguês: a *Carta* era uma espécie de *scibboleth*^b comum, celebravam juntos anualmente as suas *convenções nacionais* e pareciam constituir um único partido. Na época, a pequena burguesia, desiludida com o encaminhamento do *Reform Bill* e com o mau andamento dos negócios nos anos 1837-1839, apresentava-se belicosa e sanguinária e por isso aceitou de bom grado a violenta agitação dos cartistas. Na Alemanha, não se faz idéia da violência dessa agitação: exortou-se abertamente o povo a armar-se e mesmo a sublevar-se – chegou-se a fabricar lanças, como outrora, na Revolução Francesa; por volta de 1838, participava do movimento um certo Stephens, pastor metodista, que se dirigiu ao povo de Manchester, reunido em praça pública, nos seguintes termos:

Vocês nada têm a temer da força do governo, dos soldados, das baionetas e dos canhões de que dispõem seus opressores; vocês possuem um meio muito mais poderoso, uma arma diante da qual baionetas e canhões são insuficientes – e um menino de dez anos pode utilizá-la: meia dúzia de fósforos e um feixe de palha embebida em alcatrão. Utilizem-na com coragem e verão que, contra essa arma, nada podem o governo e seus milhares de soldados.⁵

^a Não é sem razão que Engels faz essa referência cronológica porque, à época, a emergência do cartismo estava diretamente vinculada à fundação (1835) da já mencionado *London Working Men's Association*.

^b Do hebraico, aqui utilizado no sentido de “palavra de ordem”.

⁵ Já vimos como os operários tomaram essas palavras ao pé da letra.

Já então se manifestava o caráter peculiar, *social*, do cartismo operário. O mesmo Stephens, quando 200 mil pessoas se reuniram na colina Kersall-Moor, o *mons sacer* já referido de Manchester^a, arengava:

O cartismo, meus amigos, não é uma questão política, que trata de obter para vocês o direito de voto etc. Não! O cartismo é uma *questão de garfo e faca*, a *Carta* significa habitação decente, comida e bebida boas, condições de vida dignas e jornada de trabalho reduzida.^b

Desde esses anos, os movimentos contra a nova lei sobre os pobres e pela lei da limitação da jornada de trabalho a dez horas ligaram-se estreitamente ao cartismo. Em todos os comícios e reuniões da época, participa ativamente o *tory* Oastler e, além da petição nacional em favor da *Carta*, aprovada em Birmingham, circularam centenas de petições em prol da melhoria das condições sociais dos operários; em 1839, a agitação prosseguiu com idêntico vigor e quando, no fim do ano, ela começou a perder força, Bussey, Taylor e Frost investiram numa sublevação que eclodiria simultaneamente na Inglaterra setentrional, no Yorkshire e no País de Gales. Frost foi obrigado a precipitar seu intento, porque revelado por uma traição, e por isso fracassou; os conspiradores do norte souberam desse desfecho a tempo e puderam recuar. Dois meses mais tarde, em janeiro de 1840, eclodiram no Yorkshire, especialmente em Sheffield e em Bradford, as chamadas *revoltas policiais* (*spy outbreaks*)^c, e depois, pouco a pouco, a agitação decresceu. Enquanto isso, a burguesia voltou-se para projetos mais práticos e mais vantajosos para si, particularmente a legislação sobre os grãos; fundou-se em Manchester a *Liga contra as Leis dos Cereais* (*Anti-Corn Law League*)^d e, na seqüência, afrouxaram-se os vínculos entre a burguesia radical e o proletariado. Os operários bem cedo compreenderam que a derrogação da lei sobre os cereais lhes seria pouco vantajosa, ao passo que servia otimamente à burguesia e por isso foi impossível conquistar sua adesão a tal projeto.

Eclodiu, porém, a crise de 1842. A agitação retomou o nível de 1839, mas agora, sofrendo duramente com a crise, a rica burguesia industrial participou dela. A Liga contra as Leis dos Cereais – a associação criada pelos industriais

manchesterianos – assumiu uma posição violenta e radical. Seus jornais e seus propagandistas utilizaram uma linguagem abertamente revolucionária – também porque, desde 1841, estava no poder o partido conservador. Como os cartistas haviam feito antes, agora os industriais apelaram expressamente para a revolta; quanto aos operários, os mais atingidos pela crise, estes não se mantiveram imobilizados, como prova a petição nacional desse ano, com seus 3,5 milhões de assinaturas. Os dois partidos radicais, que haviam se afastado, agora voltavam a aliar-se: em 14 de fevereiro de 1842^a, em Manchester, numa reunião de liberais e de cartistas, redigiu-se uma petição que reivindicava ao mesmo tempo a derrogação das leis sobre os cereais e a entrada em vigência dos seis pontos da *Carta* – no dia seguinte, essa petição foi adotada pelos dois partidos. A primavera e o verão transcorreram num clima de violenta agitação e miséria crescente. A burguesia estava decidida a aproveitar a crise, a miséria e a tensão geral para conquistar a derrogação das leis sobre os cereais; e dessa vez, como o poder estava nas mãos dos *tories*, dispunha-se a abandonar metade de sua legalidade: dispunha-se a fazer a revolução, mas com os operários – que os operários retirassem as castanhas do fogo e queimassem os próprios dedos em proveito da burguesia. De vários lados ressurgiu a idéia, lançada anteriormente (1839) pelos cartistas, de um *mês sagrado*: um mês de descanso para todos os operários; porém, agora, não eram os operários que pregavam uma greve geral, mas sim os industriais, que queriam fechar suas fábricas, lançar os operários nos distritos rurais sob o controle da aristocracia para, desse modo, compelir o Parlamento e o governo *tories* à abolição das leis sobre os cereais. Sem dúvida que isso provocaria uma sublevação, mas a burguesia, em segurança na retaguarda, poderia esperar o desfecho sem se comprometer inteiramente com ele.

No fim de julho de 1842, os negócios começaram a melhorar; e, *nesse período em que a conjuntura era favorável* (cf. os relatórios comerciais de Manchester e Leeds de fim de julho e princípio de agosto)^b, três empresas de Stalybridge reduziram os salários dos operários – eu não saberia dizer se por iniciativa própria ou de acordo com outros industriais, particularmente os da Liga. Duas delas, porém, recuaram; uma terceira, William Bailey & Brothers, manteve-se irredutível e, aos operários que protestavam, recomendou que fariam melhor se fossem passear por algum tempo. Os operários acolheram a proposta com

^a Cf., *supra*, nota b, p. 87.

^b *Northern Star*, edição de 29 de setembro de 1838.

^c Tiveram essa designação confrontos entre operários e policiais; soube-se depois que eram causados por provocadores e terminaram com a prisão de dirigentes e militantes operários.

^d Cf., *supra*, nota 19, p. 217.

^a No texto de Engels, por equívoco, consta a data 15 de fevereiro.

^b Entre outras fontes, Engels valeu-se aqui das edições do *Manchester Guardian* de julho-agosto de 1842.

ironia, abandonaram a fábrica e percorreram a cidade conclamando todos os operários a suspender o trabalho. Em poucas horas as fábricas se esvaziaram e, em cortejo, os operários se dirigiram a Mottram Moor para realizar um comício. Isso foi em 5 de agosto; no dia 8, uma coluna de 5 mil homens deslocou-se para Ashton e Hyde, paralisaram aí todas as fábricas e minas de carvão e fizeram inúmeros comícios, nos quais não se tratou – como esperava a burguesia – da abolição das leis sobre os cereais, mas se pôs na ordem do dia “um salário digno por uma jornada de trabalho digna” (*a fair day's wages for a fair day's work*)^a. Em 9 de agosto, dirigiram-se para Manchester, onde as autoridades, todas liberais, não fizeram restrições à sua entrada, e aí paralisaram as fábricas. No dia 11 estavam em Stockport, onde só encontraram resistência quando assaltaram a *Casa dos pobres*^b, essa dileta criatura burguesa; no mesmo dia, em Bolton, houve uma paralisação geral do trabalho e vários distúrbios, mas sem nenhuma oposição das autoridades. Em pouco tempo, a sublevação estendia-se à inteira região industrial, com a paralisação de todo trabalho (exceção feita às colheitas e à produção de alimentos).

Mas os operários sublevados permaneceram tranqüilos. Foram conduzidos à sublevação sem querer; *contra toda a sua tradição*, os industriais não se opuseram à greve (exceto um, o *tory* Birley, de Manchester); a coisa toda começou sem que os operários tivessem um objetivo determinado. Se todos estavam de acordo em não se deixar matar em proveito dos industriais contrários às leis sobre os cereais, alguns queriam a aprovação da *Carta* e outros, considerando prematura essa reivindicação, pretendiam somente restabelecer os níveis salariais de 1840. Por isso, a insurreição se frustrou. Se desde o começo tivesse sido intencional e conscientemente uma insurreição operária, alcançaria êxito; mas essa massa lançada às ruas pelos patrões, sem desejar e sem finalidades claras, não poderia fazer nada. No entanto, a burguesia, que não moveu uma palha para tornar efetiva a aliança de 14 de fevereiro^c, logo compreendeu que os operários não pretendiam operar como um instrumento seu e que a incoerência de que dava provas ao abandonar sua postura “legal” constituía, para si, um perigo; por isso, retornou ao seu velho legalismo e pôs-se ao lado do governo, contra os operários que ela mesma estimulava e depois empurrara para a sublevação. Os burgueses e seus servidores fiéis

^a Parece que essa palavra de ordem fora formulada antes pelo pastor J. R. Stephens (*Northern Star*, edição de 10 de novembro de 1838).

^b Trata-se, de fato, de uma *workhouse*.

^c Aqui, novamente, Engels escreve 15 de fevereiro.

constituíram uma polícia especial (até negociantes alemães de Manchester participaram disso) e desfilaram inutilmente pelas ruas, exibindo seus cassetes e charutos. Já em Preston, a burguesia mandou disparar sobre o povo. E assim, de repente, a sublevação popular defrontou-se não apenas com a força militar do governo, mas com toda a classe proprietária. Os operários, que não tinham um objetivo determinado, dispersaram-se e o movimento chegou ao fim sem conseqüências graves. Na seqüência, a burguesia acumulou infâmia sobre infâmia, tentou revestir-se de virgindade contrapondo à ação violenta do povo um horror que destoava inteiramente da linguagem revolucionária que exibira na primavera, atribuiu a sublevação aos “cabeças” cartistas etc., ela, que fez muito mais que eles para insuflar o movimento – e, com um cinismo sem par, retornou aos seus velhos princípios fundados no caráter sacrossanto da lei. Os cartistas, que pouco contribuíram para a sublevação, que diante dela procuraram tão-somente o que a burguesia também procurava, isto é, aproveitar a ocasião, foram levados à barra dos tribunais e condenados – ao passo que a burguesia saiu da coisa sem prejuízos, vendendo com vantagens seus estoques durante a suspensão do trabalho.

Resultou da sublevação a separação definitiva entre o proletariado e a burguesia. Até então, os cartistas não haviam ocultado seu objetivo de conquistar a *Carta* por todos os meios, inclusive uma revolução; a burguesia, que agora compreendeu os riscos que para si representava qualquer transformação violenta, tratou de tapar os ouvidos para qualquer referência à “violência física” e de concentrar seus esforços exclusivamente na “violência moral”, como se esta não implicasse direta ou indiretamente a ameaça de violência física. Esse foi o primeiro ponto da pauta de discrepâncias, mesmo que essencialmente superado com as posteriores declarações dos cartistas (tão dignos de fé quanto a burguesia liberal) de não querer apelar para a violência física. O segundo ponto, e o mais importante, fez o cartismo manifestar-se em toda a sua pureza – dizia respeito à lei sobre os cereais: sua abolição interessava não ao proletariado, mas à burguesia radical e, diante desse ponto, o cartismo dividiu-se em duas frações que, embora afirmando apoiar-se nos mesmos princípios políticos, eram radicalmente diferentes e inconciliáveis. Na Convenção Nacional de janeiro de 1843, em Birmingham^a, Sturge, representante da burguesia radical, propôs omitir a referência à *Car-*

^a Provável equívoco cronológico de Engels, pois do que se tem notícia é de uma conferência entre delegados burgueses radicais e cartistas, realizada naquela cidade no fim de dezembro de 1842.

ta nos estatutos da Associação Cartista, sob o pretexto de que a palavra, por causa da insurreição, evocava violências revolucionárias – evocação que de resto existia havia muito, mas contra a qual, até aqui, o senhor Sturge nada objetara. Os operários recusaram a proposta, diante do que o bravo *quaker* abandonou a assembléia com uma minoria e, apenas com burgueses radicais, constituiu uma *Complete Suffrage Association* [Associação pelo sufrágio completo]. Aquelas evocações haviam se tornado tão molestas para esse burguês até havia pouco jacobino que ele trocou a expressão *sufrágio universal* por essa outra, ridícula, *sufrágio completo!* Os operários riram muito e seguiram seu próprio caminho. Desde então, o cartismo tornou-se um movimento puramente operário, depurado de todos os elementos burgueses. Os jornais “completos” (*Weekly Dispatch*, *Weekly Chronicle*, *Examiner* etc.) assumiram gradativamente o tom sonolento dos outros jornais liberais, defenderam o livre-cambismo, atacaram a lei das dez horas e todas as reivindicações exclusivamente operárias e, no fim das contas, deram poucas provas de radicalismo. Em todos os conflitos, a burguesia radical aliou-se aos liberais contra os cartistas e, de um modo geral, fez da questão da lei dos cereais (que, para os ingleses, é a questão da livre concorrência) sua principal preocupação. Sucumbiu, assim, ao poder da burguesia liberal e hoje desempenha um papel lamentável.

Os operários cartistas, por seu turno, participaram com ardor redobrado de todas as lutas do proletariado contra a burguesia. A causa da livre concorrência trouxe tantos ônus aos operários que passou a ser objeto de seu ódio profundo; seus defensores, os burgueses, são seus inimigos declarados. O operário só pode esperar desvantagens da plena liberdade de concorrência. Todas as suas reivindicações – a lei das dez horas, a proteção do operário contra o capitalista, um bom salário, a segurança de trabalho, a supressão da nova lei sobre os pobres, tudo o que pertence ao cartismo e que é tão importante quanto os “seis pontos”, tudo isso colide diretamente com a livre concorrência e o livre-cambismo. Não pode surpreender a ninguém – exceto, naturalmente, à burguesia inglesa –, pois, que os operários nada queiram ouvir acerca da livre concorrência, do livre-cambismo, da abolição da lei sobre os cereais e, se são indiferentes quanto a esta, são extremamente hostis aos seus defensores. É justamente nessa última questão que o proletariado se distingue da burguesia, o cartismo do radicalismo, e um burguês jamais o compreenderá, porque jamais compreenderá o proletariado.

Mas também aqui se encontra a diferença entre a democracia cartista e todas as formas de democracia política burguesa até hoje existentes. O

cartismo tem uma natureza essencialmente social^a. Os “seis pontos”, que tudo representam para a burguesia radical e que, quando muito, implicarão reformas constitucionais, para o proletário não são mais que meios: “O poder político é o nosso meio; a nossa finalidade é o bem-estar social” – essa é a palavra de ordem eleitoral claramente formulada pelos cartistas. Em 1838, somente para uma parte dos cartistas era verdade a *questão de faca e garfo* enunciada pelo pastor Stephens; em 1845, tornou-se verdade para todos – entre os cartistas, já não existe mais um só homem que seja apenas político. Mas se seu socialismo é ainda pouco desenvolvido, se até hoje seu principal instrumento na luta contra a miséria seja a proposta do parcelamento da propriedade fundiária (*allotment system*)^b, já superada pelo desenvolvimento industrial (cf. a Introdução), se em geral a maior parte de suas proposições práticas (proteção aos operários etc.) são aparentemente reacionárias, elas, de um lado, por uma necessidade imanente, conduzirão ou à capitulação perante a concorrência, reproduzindo a situação existente, ou à sua eliminação; de outro lado, a atual condição ambígua do cartismo, a cisão que o diferenciou do partido puramente político, exige que se desenvolvam agora suas *características específicas*, que residem em sua natureza social. A aproximação ao socialismo será inevitável, sobretudo se a próxima crise, que se seguirá à atual fase favorável à indústria e ao comércio e que ocorrerá, no mais tardar, em 1847^c (mas possivelmente já a partir do ano vindouro), superando todas as precedentes em termos de violência e intensidade, sobretudo, dizíamos, se a próxima crise, com a miséria que implicará, compelir os operários a priorizar as soluções sociais para além das políticas. Os operários acabarão por conquistar a *Carta* – mas até lá não de compreender mais claramente que agora as coisas que poderão impor através dela.

A agitação socialista também progride. Levo em conta o *socialismo* inglês tão-somente na medida em que tem influências sobre a classe operária. Os socialistas ingleses reivindicam a introdução gradual da comunidade de bens em “colônias”^d de 2 mil a 3 mil pessoas, em que se praticam a indústria

^a A edição inglesa de 1887, cuja tradução foi pessoalmente verificada por Engels, traz uma outra formulação: “O cartismo é essencialmente um movimento de classe”.

^b Engels alude aos planos de reforma agrária apresentados pelo dirigente cartista O’Connor.

^c Na edição de 1892, Engels anotou: “e ela ocorreu na data prevista”.

^d Engels alude evidentemente às propostas de criação das *home colonies* de Robert Owen (cf. índice onomástico, p. 366).

e a agricultura, gozam-se de direitos iguais e igual instrução; propõem a simplificação das formalidades para o divórcio, a instituição de um governo racional, que garanta a plena liberdade de opinião, e a abolição das penas, que serão substituídas por um tratamento racional dos delinquentes – estas são suas propostas *práticas*; seus princípios teóricos não nos interessam aqui. O socialismo inglês provém de Owen, um industrial, e por isso, se substantivamente vai além da oposição entre burguesia e proletariado, na forma mostra-se muito indulgente para com a burguesia e muito injusto para com o proletariado.

Os socialistas são muito gentis e pacíficos; na medida em que só admitem como caminho para as mudanças a persuasão da opinião pública, acabam por reconhecer as condições existentes, mesmo deploráveis, como justificadas. Mas a forma atual de seus princípios é tão abstrata que jamais conseguirão convencer a opinião pública. Por outro lado, eles não se cansam de lamentar a degradação moral das classes inferiores, não consideram que a degradação moral da classe proprietária, provocada pelo interesse privado e pela hipocrisia, é bem pior e permanecem cegos a todos os elementos progressistas contidos na desagregação da ordem atual. Não compreendem o desenvolvimento histórico e, por isso, querem mergulhar imediatamente a nação nas condições do comunismo, sem o progresso da política até o ponto em que essa desapareça por si mesma^a. Sabem por que o operário se indigna contra o burguês, mas consideram estéril essa cólera (que, de fato, é o único meio de fazer avançar os operários) e predicam uma filantropia e uma fraternidade universal inteiramente inócuas na situação contemporânea da Inglaterra. Só admitem o desenvolvimento psicológico, o desenvolvimento do homem abstrato, desligado de qualquer vínculo com o passado – embora o mundo inteiro (e, obviamente, cada homem singular) só exista com fundamento no passado. São muito dotados, muito metafísicos e pouco conclusivos. Recrutam-se parcialmente na classe operária, influem sobre frações muito reduzidas dela, porém as mais instruídas e mais firmes.

Em sua configuração atual, o socialismo não se tornará patrimônio comum da classe operária; será estrangido a recuar por um tempo à plataforma do cartismo. Mas o socialismo autenticamente proletário, erguido através do cartismo e depurado de componentes burgueses, tal como já se

^a Nas edições inglesas de 1887 e 1892: “até o ponto em que essa transição se torne possível e necessária” (*up to the point at which this transition becomes possible and necessary*).

desenvolve hoje entre muitos socialistas e muitos dirigentes cartistas (que são quase todos socialistas)^a, assumirá com certeza, e em breve, um papel importante na história do povo inglês. O socialismo inglês, que em suas bases supera largamente o comunismo francês, embora lhe seja inferior no desenvolvimento^b, deverá retroceder por um momento à plataforma francesa, para depois superá-la; mas certamente, até lá, também os franceses terão progredido. O socialismo é, ao mesmo tempo, a expressão mais resoluta da irreligiosidade que reina entre os operários, irreligiosidade *inconsciente*, visto que exclusivamente prática, uma vez que com frequência os operários hesitam em admiti-la; mas, também aqui, a necessidade constringerá os operários a abandonar uma fé que, e eles o compreendem cada vez mais claramente, serve apenas para enfraquecê-los e torná-los resignados ante a sua sorte, obedientes e servis à classe proprietária que os dessangra.

Verificamos, assim, que o movimento operário está dividido em duas frações: os cartistas e os socialistas. Os cartistas são de longe os mais atrasados^c e menos evoluídos; mas são proletários autênticos, de carne e osso, e representam legitimamente o proletariado. Os socialistas têm horizontes mais amplos, apresentam propostas práticas contra a miséria, mas provém originariamente da burguesia e, por isso, são incapazes de se amalgamar com a classe operária. A fusão do socialismo com o cartismo, a reconstituição do comunismo francês em moldes ingleses, será a próxima etapa e ela já está em curso. Quando estiver realizada, a classe operária será realmente senhora da Inglaterra. Até lá, o desenvolvimento político e social seguirá seu curso, favorecendo esse novo partido, esse progresso do cartismo.

As diversas frações operárias – membros das associações, cartistas e socialistas –, às vezes em unidade, às vezes isoladamente, fundaram por seus próprios meios uma grande quantidade de escolas e salões de leitura para elevar o nível cultural do povo. Todas as organizações socialistas, quase todas as cartistas e muitas associações profissionais possuem instituições desse gênero; nas escolas, oferece-se às crianças uma educação verdadeiramente proletária, livre das influências burguesas, e nos salões de leitura encontram-se quase exclusivamente livros e jornais proletários. Essas institui-

^a Na edição de 1892, Engels após aqui a seguinte nota: “Naturalmente, socialistas em sentido lato, não no sentido oweniano da palavra”.

^b Nas edições inglesas de 1887 e 1892: “desenvolvimento teórico”.

^c Nas edições inglesas de 1887 e 1892: “os mais atrasados teoricamente”.

ções representam uma ameaça para a burguesia, que conseguiu manter fora do controle do proletariado organismos similares, como as *Mechanics' Institutions* [Instituições de mecânica]^a, transformando-os em centros de difusão dos conhecimentos úteis aos seus interesses. Aí se divulgavam elementos das ciências naturais, procurando desviar a atenção dos operários da oposição contra a burguesia e se lhes forneciam conhecimentos que eventualmente podem levá-los a invenções que tragam lucros aos burgueses; quanto às ciências naturais, seu conhecimento, pelo operário, é atualmente desprovido de utilidade, uma vez que ele nem sequer pode observar a natureza, vivendo na grande cidade e absorvido por uma jornada de trabalho tão prolongada. Nesses centros também se ensina economia política, cujo ídolo é a livre concorrência e da qual o operário só pode extrair uma conclusão: para ele, nada é mais razoável que resignar-se a morrer de fome silenciosamente. Nessas instituições, toda a educação é domesticada, dócil e servil diante da política e da religião dominantes; seu objetivo, por meio de prédicas constantes, é tornar o operário obediente, passivo e resignado diante de seu destino. A massa operária, naturalmente, não quer saber dessas escolas e dirige-se aos salões de leitura proletários, nos quais se discute aquilo que diretamente diz respeito às suas condições – em face dessa escolha, a burguesia, em sua auto-suficiência, pronuncia seu *dixi et salvavi*^b e afasta-se com desprezo de uma classe que prefere “as tiradas violentas de demagogos mal-intencionados a uma sólida cultura”.

Mas os operários sabem apreciar “uma sólida cultura”, desde que ela não venha trazendo de contrabando os interessados saberes da burguesia – promovam-no as freqüentes conferências sobre problemas das ciências naturais, da estética e da economia, assistidas por grande público e organizadas pelas instituições proletárias, particularmente as socialistas. Várias vezes vi operários, cujos casacos de veludo de algodão estavam muito puídos, discutirem geologia, astronomia e outros temas com argumentos superiores aos de qualquer burguês culto da Alemanha. Um fato é o melhor índice do nível

^a Tratava-se de escolas noturnas para operários, que lhes forneciam noções de cultura geral e especialização técnica. As primeiras delas foram criadas em Glasgow (1824) e em Londres (1824). No início dos anos 1840, eram já mais de duzentas, situadas principalmente nas cidades industriais do Lancashire e do Yorkshire. Através do ensino que ofereciam, a burguesia formava os operários qualificados de que necessitava e ao mesmo tempo difundia as concepções ideológicas que lhe interessavam.

^b A expressão latina completa é *Dixi et salvavi animam meam* (“Disse e salvei a minha alma”).

cultural próprio alcançado pelo proletariado inglês: as modernas obras de filosofia, de política e de poesia, obras que marcam época, são lidas quase unicamente pelos operários. O burguês, amarrado às condições sociais vigentes e aos seus preconceitos, sente-se amedrontado diante de tudo que representa um progresso efetivo; o operário, ao contrário, tem os olhos bem abertos para obras desse gênero e as estuda com prazer e proveito. Especialmente os socialistas, nesse domínio, contribuíram vigorosamente para a educação do proletariado, traduzindo e divulgando os materialistas franceses – Helvétius, d’Holbach, Diderot etc. – em edições a preço econômico, ao lado dos melhores autores ingleses; também circulam apenas entre os proletários a *Vida de Jesus*, de Strauss, e a *Propriedade*, de Proudhon^a. Shelley, o genial e profético Shelley, e Byron, com seu ardor sensual e sua amarga crítica à sociedade atual, contam a maioria de seus leitores entre os operários – os burgueses só recorrem a edições expurgadas, as *family editions* [edições familiares], modificadas ao gosto da hipócrita moral vigente. Os dois maiores filósofos práticos mais contemporâneos, Bentham e Godwin (especialmente este) são patrimônio quase exclusivo do proletariado – embora Bentham tenha seguidores na burguesia radical, só o proletariado e os socialistas extraíram dele elementos progressistas. Sobre essas bases, o proletariado criou uma literatura própria, constituída sobretudo por opúsculos e jornais e cujo conteúdo supera largamente a literatura burguesa – mas disso falaremos em outra ocasião.

Finalmente, uma observação: os operários fabris, em particular aqueles dos distritos onde se processa o algodão, constituem o núcleo do movimento operário. O Lancashire, especialmente Manchester, é a sede das associações operárias mais fortes, o centro do cartismo e a região onde se conta o maior número de socialistas. Quanto mais o sistema fabril penetra num ramo de trabalho, tanto mais ativamente os operários participam do movimento; quanto mais agudo se torna o contraste entre operários e capitalistas, tanto mais desenvolvida, tanto mais aguçada se torna a consciência proletária no operário. Os pequenos patrões de Birmingham também sofrem com as crises, como os operários, mas encontram-se numa incômoda posição intermediária entre o cartismo proletário e o radicalismo dos merceiros. Mas, em geral, todos os operários da indústria estão hoje ganhos para uma ou outra forma de resistência ao capital e à burguesia

^a Referência ao opúsculo *Qu’est-ce que la propriété?* [O que é a propriedade?], de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), francês, socialista.

e são unânimes acerca de que, enquanto *working men* [homens trabalhadores] – título do qual se orgulham e vocativo utilizado usualmente nas reuniões cartistas –, constituem uma classe específica, com princípios e interesses e concepções próprios, em confronto com todos os proprietários; e, ao mesmo tempo, estão conscientes de que neles residem a força e a capacidade de desenvolvimento da nação.

O PROLETARIADO MINEIRO

O fornecimento de matérias-primas e de combustíveis a uma indústria tão colossal como a inglesa absorve um grande número de operários – mas, das matérias necessárias à indústria, com exceção da lã (que provém dos distritos agrícolas), a Inglaterra mesmo só produz minerais, metais e carvão mineral (hulha). Se a Cornualha possui ricas minas de cobre, estanho, zinco e chumbo, o Staffordshire, o norte do País de Gales e outros distritos fornecem grandes quantidades de ferro; e quase todo o norte e o oeste da Inglaterra, a Escócia central e algumas zonas da Irlanda dispõem abundantemente de carvão mineral¹.

Nas minas da Cornualha estão empregados cerca de 19 mil homens e 11 mil mulheres e crianças, parte nas galerias subterrâneas e poços, par-

¹ De acordo com o censo de 1841, o número de operários ocupados na indústria mineira da Grã-Bretanha (excluída a Irlanda) é o seguinte:

Minas de	Homens		Mulheres		TOTAL
	acima de 20 anos	abaixo de 20 anos	acima de 20 anos	abaixo de 20 anos	
Carvão	83.408	32.475	1.185	1.165	118.233
Cobre	9.866	3.428	913	1.200	15.407
Chumbo	9.427	1.932	40	20	11.419
Ferro	7.773	2.679	424	73	10.949
Estanho	4.602	1.349	68	82	6.101
Não especificadas	24.162	6.591	472	491	31.716
Total	139.238	48.454	3.102	3.031	193.825

Como nas minas de carvão e de ferro trabalham quase sempre as mesmas pessoas, parte dos trabalhadores das minas de carvão e parte considerável dos que trabalham na rubrica das minas não especificadas devem ser somadas aos ocupados nas minas de ferro.